



# FOLHA MISSIONÁRIA

Ano III

- Arquidiocese de Juiz de Fora

- Abril / 2013

- Nº 29

# *Habemus Papam* *Francisco*



*miserando atque eligendo*



## Editorial

## Habemus Papam

Pe. Antônio Camilo de Paiva  
Editor Chefe

Este mês temos a grata satisfação de trazer aos nossos leitores mais uma edição especial da **Folha Missionária**, desta vez em homenagem ao novo Sucessor de Pedro, o Papa Francisco, que foi eleito no último dia 13 de março.

Nosso Arcebispo, Dom Gil Antônio, traz, em sua coluna, uma reflexão sobre este grande homem, hoje nosso Pontífice, descrevendo sua eleição como uma surpresa de Deus. Dom Gil ainda traz outro artigo sobre a participação de toda a Igreja nos Conclaves, através da oração.

Trazemos, ainda, o artigo do Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, também expressando seus pensamentos a respeito do Papa Francisco.

Na tradicional coluna “Catequese do Papa”, você confere, na íntegra, a Homilia da primeira Missa de

Jorge Mario Bergoglio como Sucessor de Pedro, que aconteceu no dia 19 de março (Solenidade de São José), na Praça São Pedro, no Vaticano.

Ainda sobre o novo pontificado, destacamos uma publicação sobre os “10 gestos de inesperados de um Papa surpreendente”.

Não poderíamos deixar de falar, também, sobre a mudança da Cúria Metropolitana, do Tribunal Eclesiástico e do Centro de Pastoral para o **Edifício Christus Lumen Gentium**, erguido próximo ao prédio do Seminário Arquidiocesano Santo Antônio.

E você confere, ainda, um breve histórico sobre a vida de Jorge Mario Bergoglio, desde a juventude até sua eleição a Papa, além de uma explicação sobre os simbolismos de seu brasão papal.

**A todos,  
boa leitura!**

## A IGREJA INTEIRA PARTICIPA DOS CONCLAVES

Dom Gil Antônio Moreira  
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Os Conclaves não são apenas sessões eleitorais. São verdadeiras Liturgias. Toda a Igreja participa deles de alguma forma, e a forma mais forte é a espiritual. Quem tem no peito o calor da fé, a presença de Deus, sabe que o que se pretende com o Conclave não é apenas escolher um chefe, mesmo porque o chefe da Igreja não é o Papa, mas é Cristo. Pretende-se cumprir o desejo de Cristo de haver um só Pastor que una, simbolize e realize a unidade desejada por Cristo (cf. Jo.17, 21) e reja seu povo pelas sendas da Palavra de Deus na construção de um mundo novo, e que, por fim, nos leve à glória dos céus. O Papa é o Pastor visível, Vigário do Pastor invisível que é Cristo Senhor, ressuscitado dos mortos, vivo entre nós. Foi Ele quem disse: “Onde dois ou mais estiverem reunidos no meu nome, eu estarei no meio deles.” (Mt. 18,20)

O Papa não é sucessor de Cristo, pois Cristo não tem sucessores. É sucessor de Pedro, a quem Cristo entregou as chaves da sua Igreja, dando-lhe poderes de ligar e desligar, conforme nos narra o Santo Evangelho: *Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela* (Mt. 16, 13-19).

O Conclave se reúne para rezar, invocar o Espírito Santo para escolher aquele que está no coração de Deus com o destino de dirigir os caminhos da Igreja de Cristo que congrega na terra os seus fiéis seguidores, hoje em número aproximado de um bi-

lhões e duzentos milhões. As sessões eleitorais estão envoltas na oração comunitária e pessoal dos Cardeais e de toda a Igreja que os acompanha das mais variadas partes do globo terrestre.

Na ocasião do último Conclave, convocamos o Povo de Deus que está em nossa Igreja Particular de Juiz de Fora, para esta sintonia espiritual com o Colégio Cardinalício. Através de um decreto, que na verdade era um convite amável que partia de nosso coração a todos aqueles que têm fé em Cristo e amam a sua Igreja, nós o convocamos, *à luz da sublime ordem de Jesus que diz: Pedi e recebereis, buscai e achareis, batei e abri-se vos há...pois, se vós, sendo maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais o vosso Pai celestial dará o Espírito Santo aos que lho pedirem.* (Lc. 11, 13). Por este instrumento, decretamos que os dias 9, 10 e 11 de março do corrente ano de 2013 (sábado, domingo e segunda-feira), sempre dentro da espiritualidade quaresmal, fossem dias especiais de orações pela Igreja em todas as Paróquias e Comunidades desta Arquidiocese, em vista do Conclave que se aproximava. Conclamamos a todos os Presbíteros, Diáconos, religiosos, religiosas, seminaristas e todo o povo de Deus a intercederem ao Pai que, pela mediação de seu Filho Jesus, enviasse o Espírito Santo sobre os nossos irmãos Cardeais. Pedimos que fossem promovidas atividades orantes com o povo, tais como Vigílias, Adorações Eucarísticas, recitações do Santo Rosário, Liturgia das Horas, Lectio Divina, ou outras

iniciativas nas intenções acima mencionadas. Na segunda-feira, dia 11, incentivamos que fosse celebrada em todas as Paróquias e Comunidades religiosas a *Missa para a Eleição de um Papa* prevista no Missal Romano (Ed. Paulus, pag. 885) e que as leituras da Missa fossem as próprias da Quaresma, com o fim de permitir fiel integração no espírito do tempo litúrgico.

Motivando a participação de todos, foi comunicada a celebração da *Missa para a Eleição de um Papa* que o Arcebispo presidiu na Catedral Metropolitana, no último dia 11 de março, às 19 horas, que contou com boa participação de fiéis.

A Igreja toda entrou em Conclave e esperava a manifestação de Deus!

A fumaça branca que anuncia que não estamos mais órfãos antecipa as vestes brancas do Pastor Universal que se aproxima do balcão de São Pedro após o anúncio do *Habemus Papam*. Também lembra a brancura da alma de Maria Santíssima, Mãe da Igreja. Da mesma forma reflete a candura da Santa Eucaristia, sinal mais evidente da presença de Cristo entre nós, centro, estrada e cume da vida eclesial. A santa expectativa gerada pelo Conclave é como um enlevo dos corações que tem ápice na eleição do Sucessor de Pedro. No último conclave, recebemos de Deus o Papa Francisco. Estamos felizes: O Senhor escutou as preces da liturgia do Conclave que tem seu núcleo na Capela Sistina e participação de toda a Igreja.

## Expediente

Diretor Fundador: Dom Gil Antônio Moreira - Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Editor Chefe: Pe. Antônio Camilo de Paiva

Jornalista Responsável: Leandro Novaes MTB 14.078 - Contato: folha.missionaria@gmail.com

Conselho Editorial: Pe. João Francisco Batista da Silva / Pe. Eduardo Almeida da Rocha / Pe. Elton Adriane de Oliveira

Impressão: FUMARC - (31) 3249-7400 - www.fumarc.com.br / Tiragem: 15.500 exemplares

Redação: Edifício Christus Lumen Gentium - Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3229 - 5450. Home Page: www.arquidiocesajuizdefora.org.br.



# Papa Francisco, surpresa de Deus!

Dom Gil Antônio Moreira  
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora



Ainda vibram em nosso peito as alegrias provindas do Conclave tão esperado. À tarde daquela quarta feira, 13 de março, da quarta semana da Quaresma, chamada *Semana Laetare* (*Semana da Alegria, por já vislumbrarmos a Páscoa*), de forma inesperada, foi eleito o 266º Sucessor de Pedro na sede romana. A escolha de Deus, pela mediação humana dos Cardeais, recaiu sobre o nome de Dom Jorge Mário Bergoglio, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires, sem nenhuma previsão

da mídia. Ele, surpreendentemente, escolheu o nome de Francisco, o primeiro da história de 2000 anos da Igreja.

Sobre Juiz de Fora, minutos após sua bênção *Urbi et Orbe* (*para a cidade e para o mundo*), depois de uma forte chuva, veio uma tarde maravilhosa de luz dourada, jamais vista, que a tudo iluminava quase misteriosamente. Parecia que Deus havia coberto toda a abóboda celeste de um ouro tão reluzente como o fogo. Não tive como não receber isto em meu coração como um particular presente de Deus para que nossa cidade pudesse celebrar este momento santo e promissor da história da humanidade.

As surpresas de Deus banharam a Igreja de emoção, confiança, esperança e místico entusiasmo. Vistos pelo prisma da fé, que é diferente dos crité-

rios humanos, e dificilmente compreendido por quem está fora dos limites da comunidade dos que crêem, os fatos acontecidos desde o dia 11 de fevereiro, com a renúncia do inesquecível Bento XVI, até hoje, têm características evidentes da presença e da ação de Deus. Até mesmo as cruzes dolorosas de ataques à fé católica, por causa de erros cometidos por eclesiásticos, ou por preconceitos anticatólicos, ou simplesmente por ódio à religião, ou ainda por pessoas do nosso time que, em vez de jogar a nosso favor, fazem gol contra a nossa esquadra, têm algum valor positivo, pois quem é maduro na fé está apto para acolher o mistério do calvário e a escutar outra vez, a cada manhã, a palavra de Cristo: *Quem quiser ser meu discípulo tome a sua cruz a cada dia e me siga* (Mc 8,34). Navegando nas

expectativas do secretíssimo e santo conclave, até culminar na eleição do Papa Francisco, tudo foi se revelando como manifestação do Espírito Santo que nos conduz por veredas seguras, nos garantindo um tempo novo de bênçãos.

Não duvido em afirmar que Deus preparou esta surpresa, apresentando-nos tudo de forma muito nova. O Papa eleito se revelou como algo inaudito, muito diferente das previsões e até dos anseios. É o primeiro papa latino-americano, primeiro papa jesuíta, primeiro a escolher o nome de Francisco, primeiro a voltar para a hospedagem em ônibus junto com os cardeais, dispensando o carro oficial, primeiro a pedir a bênção ao povo antes de oferecer a sua e outras iniciativas inéditas. Papa Francisco veio de Buenos Aires, sem dúvida com a missão de

trazer novos e bons ares para a Igreja e para a humanidade.

As tentativas de certos setores da imprensa internacional de influenciar nas decisões do conclave ficaram todas frustradas. Perguntase: se a imprensa errou tanto em seus prognósticos sobre os nomes dos Cardeais *papáveis*, não nos deixa, a nós leitores, telespectadores e internautas, muito inseguros e intranquilos sobre tudo o que ela afirma? Penso que todos nós crescemos inclusive no dever de relativizar maduramente a mídia.

A simplicidade santa, o jeito humano, a sabedoria, a ciência, a alma orante e fiel do Papa Francisco, como dos demais 'Franciscos' da história da Igreja, são dádivas da misericórdia de Deus para o mundo presente tão necessitados de valores eternos e inalienáveis.



Primeira aparição do Papa Francisco, após o Conclave. Foto: Divulgação

# Um Papa chamado Francisco!

Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer  
Arcebispo Metropolitano de São Paulo



Papa Francisco. Foto: Divulgação

Quanta coisa eu gostaria de escrever neste breve artigo! Antes de tudo, louvor à Providência de Deus, que não deixa faltar Pastores à sua Igreja, que a conduzam conforme o coração de Cristo. Logo após a eleição do novo Papa, ainda na Capela Sistina, os Cardeais cantaram a plenos pulmões o hino de louvor à Santíssima Trindade – *Te Deum laudamus!* Muitos tinham lágrimas nos olhos.

A Igreja recebeu um novo Sucessor de Pedro para conduzi-la nos caminhos do Evangelho e para animar todos os seus membros no testemunho da salvação de Deus, manifestada a toda a humanidade por meio de Jesus Cristo. Participei pela primeira vez de um Conclave e posso dizer que foi ocasião para uma experiência eclesial única e profunda! Pude perceber a sincera busca do melhor para a Igreja e sua missão. O Espírito Santo não dorme!

Antes de entrar no Conclave, rezamos muito, tratamos com franqueza, respeito e profundo senso de res-

ponsabilidade as questões que precisavam ser tratadas em vista da escolha do novo Pontífice. O clima no Colégio Cardinalício era sereno e fraterno. A entrada em Conclave, com o canto da ladainha de todos os Santos e da especial invocação do Espírito Criador – *Veni Creator Spiritus* – foi o início de um ato continuado de oração, que durou até à escolha do novo Papa. Para tudo isso, não podia haver espaço mais apropriado que a Capela Sistina, com os esplêndidos afrescos de Michelângelo, especialmente da grande cena do juízo universal.

Eleito o Cardeal Jorge Mário Bergoglio, Arcebispo de Buenos Aires, ele escolheu o nome de Francisco, em memória de São Francisco de Assis. Várias surpresas deixaram desconcertados os “vaticanistas” mais experientes: um Papa não-europeu, já nem tão jovem, um latino-americano da Argentina, o primeiro Papa jesuíta, que toma o nome de Francisco ainda não usado por nenhum Pontífice anteriormente! Bem que Jesus disse:

o Espírito Santo sopra onde quer e ninguém sabe de onde seu sopralvento vem, nem para onde vai... Precisamos todos estar atentos à sua ação, deixando-nos conduzir por Ele!

Certamente, Francisco é um nome muito indicativo das características que o novo Papa quer dar ao seu pontificado. São Francisco tinha sido um pecador, dado às vaidades do mundo; mas encontrou a misericórdia de Deus e se voltou inteiramente à Ele: “meu Deus e meu tudo!” A partir de sua conversão, procurou viver o Evangelho em profundidade, cultivando a comunhão com Deus e desejando voltar-se sempre mais para Cristo, a ponto de ser chamado de “homem inteiramente cristificado”.

Não é esse mesmo o apelo que a Igreja recebe e faz a todos, desde há mais tempo?! Conversão para um renovado encontro com Deus, um discipulado verdadeiro, para a santidade de vida através da comunhão profunda com Deus, deixando-se abraçar e amar por Ele? Na sua primei-

ra Missa com o Colégio Cardinalício, no dia seguinte à sua eleição, o papa Francisco observou que, sem esta comunhão profunda com Deus e a identificação com Jesus Cristo “crucificado”, sem confessar o seu nome, a Igreja não passa de uma “ONG piedosa”... Na Basílica de São Francisco, em Assis, há uma bela escultura do Santo abraçado aos pés do Crucificado, que baixa a mão direita para abraçar Francisco.

Mas não é só isso: tendo conhecido a misericórdia e o amor infinito de Deus Pai, São Francisco passou a reconhecer em cada criatura um irmão e uma irmã; sobretudo nos homens e mulheres, buscando viver com todos a fraternidade universal, sem excluir ninguém. Coração livre, ele podia amar a todos de coração inteiro e puro. Amou sobretudo os doentes (o leproso!), os pobres, os pecadores, os supostos “inimigos”; conseguia dialogar com os “diferentes”, sem mais nenhum dos preconceitos que regulam, geralmente, as relações humanas. Que grande

desafio para a Igreja e a humanidade inteira!

Outra dimensão nada secundária na escolha do Papa Francisco: Após sua conversão, o Santo de Assis ardia pelo desejo de falar a todos do amor misericordioso de Deus: “o Amor não é amado, o Amor não é amado!” – saiu a gritar pelas ruas e as pessoas acharam que estivesse louco. Louco de amor a Deus! Havia compreendido a loucura de Jesus Cristo crucificado e que era preciso anunciar a todos essa bela notícia. Assim, São Francisco enviou seus frades como missionários em todas as direções. E essa dimensão missionária urge mais do que nunca em nossos dias.

Papa Francisco já entrou no coração do povo. Deus o ilumine e fortaleça! Deus abençoe toda a Igreja e a humanidade inteira através do seu Ministério Petriano, como servidor das ovelhas do Supremo Pastor! E São José, que festejamos no dia da inauguração solene de seu Pontificado, interceda paternalmente por Papa Francisco!



## Catequese do Papa

### Homilia do Papa Francisco para a Santa Missa que iniciou oficialmente o seu pontificado

Vaticano, 19 de março de 2013 - Solenidade de São José

#### Queridos irmãos e irmãs!

Agradeço ao Senhor por poder celebrar esta Santa Missa de início do Ministério Petri no na solenidade de São José, esposo da Virgem Maria e Patrono da Igreja universal: é uma coincidência densa de significado e é também o onomástico do meu venerado Predecessor: acompanhamo-lo com a oração, cheia de estima e gratidão.

Saúdo, com afeto, os Irmãos Cardeais e Bispos, os Sacerdotes, os Diáconos, os religiosos e as religiosas e todos os fiéis leigos. Agradeço, pela sua presença, aos Representantes das outras Igrejas e Comunidades eclesiais, bem como aos representantes da comunidade judaica e de outras comunidades religiosas. Dirijo a minha cordial saudação aos Chefes de Estado e de Governo, às Delegações oficiais de tantos países do mundo e ao Corpo Diplomático.

Ouvimos ler, no Evangelho, que «José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua esposa» (Mt 1, 24). Nestas palavras, encerra-se já a missão que Deus confia a José: ser custos, guardião. Guardião de quem? De Maria e de Jesus, mas é uma guarda que depois se alarga à Igreja, como sublinhou o Beato João Paulo II: «São José, assim como cuidou com amor de Maria e se dedicou com empenho jubiloso à educação de Jesus Cristo, assim também guarda e protege o seu Corpo místico, a Igreja, da qual a Virgem Santíssima é figura e modelo» (Exort. ap. *Redemptoris Custos*, 1).

Como realiza José esta guarda? Com discricção, com humil-

dade, no silêncio, mas com uma presença constante e uma fidelidade total, mesmo quando não consegue entender. Desde o casamento com Maria até ao episódio de Jesus, aos 12 anos, no templo de Jerusalém, acompanha com solicitude e amor cada momento. Permanece ao lado de Maria, sua esposa, tanto nos momentos serenos como nos momentos difíceis da vida, na ida a Belém para o recenseamento e nas horas ansiosas e felizes do parto; no momento dramático da fuga para o Egito e na busca preocupada do filho no templo; e depois na vida cotidiana da casa de Nazaré, na carpintaria onde ensinou o ofício a Jesus.

Como vive José a sua vocação de guardião de Maria, de Jesus, da Igreja? Numa constante atenção a Deus, aberto aos seus sinais, disponível mais ao projeto d'Ele que ao seu. E isto mesmo é o que Deus pede a David, como ouvimos na primeira Leitura: Deus não deseja uma casa construída pelo homem, mas quer a fidelidade à sua Palavra, ao seu desígnio; e é o próprio Deus que constrói a casa, mas de pedras vivas marcadas pelo seu Espírito. E José é «guardião», porque sabe ouvir a Deus, deixa-se guiar pela sua vontade e, por isso mesmo, se mostra ainda mais sensível com as pessoas que lhe estão confiadas, saber com realismo os acontecimentos, está atento àquilo que o rodeia, e toma as decisões mais sensatas. Nele, queridos amigos, vemos como se responde à vocação de Deus: com disponibilidade e prontidão; mas vemos também qual é o centro da vocação cristã: Cristo. Guardemos Cristo na nossa vida, para guardar os outros, para guardar a criação!

Entretanto, a vo-

cação de guardião não diz respeito apenas a nós, cristãos, mas tem uma dimensão antecedente, que é simplesmente humana e diz respeito a todos: é a de guardar a criação inteira, a beleza da criação, como se diz no livro de Gênesis e nos mostrou São Francisco de Assis: é ter respeito por toda a criatura de Deus e pelo ambiente onde vivemos. É guardar as pessoas, cuidar carinhosamente de todas elas e cada uma, especialmente das crianças, dos idosos, daqueles que são mais frágeis e que muitas vezes estão na periferia do nosso coração. É cuidar uns dos outros na família: os esposos guardam-se reciprocamente, depois, como pais, cuidam dos filhos, e, com o passar do tempo, os próprios filhos tornam-se guardiões dos pais. É viver com sinceridade as amizades, que são um mútuo guardar-se na intimidade, no respeito e no bem. Fundamentalmente tudo está confiado à guarda do homem, e é uma responsabilidade que nos diz respeito a todos. Sede guardiões dos dons de Deus!

E quando o homem falha nesta responsabilidade, quando não cuidamos da criação e dos irmãos, então encontra lugar a destruição e o coração fica ressequido. Infelizmente, em cada época da história, existem «Herodes» que tramam desígnios de morte, destroem e deturpam o rosto do homem e da mulher.

Queria pedir, por favor, a quantos ocupam cargos de responsabilidade em âmbito económico, político ou social, a todos os homens e mulheres de boa vontade: sejamos «guardiões» da criação, do desígnio de Deus inscrito na natureza, guardiões do outro, do ambiente; não deixemos que sinais de des-

truição e morte acompanhem o caminho deste nosso mundo! Mas, para «guardar», devemos também cuidar de nós mesmos. Lembremo-nos de que o ódio, a inveja, o orgulho sujam a vida; então guardar quer dizer vigiar sobre os nossos sentimentos, o nosso coração, porque é dele que saem as boas intenções e as más: aquelas que edificam e as que destroem. Não devemos ter medo de bondade, ou mesmo de ternura.

A propósito, deixai-me acrescentar mais uma observação: cuidar, guardar requer bondade, requer ser praticado com ternura. Nos Evangelhos, São José aparece como um homem forte, corajoso, trabalhador, mas, no seu íntimo, sobressai uma grande ternura, que não é a virtude dos fracos, antes pelo contrário, denota fortaleza de ânimo e capacidade de solicitude, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro, de amor. Não devemos ter medo da bondade, da ternura!

Hoje, juntamente com a festa de São José, celebramos o início do Ministério do novo Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, que inclui também um poder. É certo que Jesus Cristo deu um poder a Pedro, mas de que poder se trata? À tríplice pergunta de Jesus a Pedro sobre o amor, segue-se o tríplice convite: apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas. Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz; deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé, de São José e, como ele, abrir os braços para guardar todo o Povo de Deus e acolher, com afeto e ternura, a humanidade

inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos, aqueles que Mateus descreve no Juízo final sobre a caridade: quem tem fome, sede, é estrangeiro, está nu, doente, na prisão (cf. Mt 25, 31-46). Apenas aqueles que servem com amor capaz de proteger.

Na segunda Leitura, São Paulo fala de Abraão, que acreditou «com uma esperança, para além do que se podia esperar» (Rm 4, 18). Com uma esperança, para além do que se podia esperar! Também hoje, perante tantos pedaços de céu cinzento, há necessidade de ver a luz da esperança e de darmos nós mesmos esperança. Guardar a criação, cada homem e cada mulher, com um olhar de ternura e amor, é abrir o horizonte da esperança, é abrir um rasgo de luz no meio de tantas nuvens, é levar o calor da esperança! E, para o crente, para nós cristãos, como Abraão, como São José, a esperança que levamos tem o horizonte de Deus que nos foi aberto em Cristo, está fundada sobre a rocha que é Deus.

Guardar Jesus com Maria, guardar a criação inteira, guardar toda a pessoa, especialmente a mais pobre, guardarmo-nos a nós mesmos: eis um serviço que o Bispo de Roma está chamado a cumprir, mas para o qual todos nós estamos chamados, fazendo resplandecer a estrela da esperança: Guardemos com amor aquilo que Deus nos deu!

Peço a intercessão da Virgem Maria, de São José, de São Pedro e São Paulo, de São Francisco, para que o Espírito Santo acompanhe o meu ministério, e, a todos vós, digo: rezai por mim! Amém.

# 10 gestos inesperados de um Papa surpreendente



“Felizes os pés dos que anunciam a paz” (pés de Papa Francisco no dia da sua eleição). Foto: Divulgação

**Cidade do Vaticano, 16 de março de 2013** - Francisco, o Papa, não tem só no nome uma grande e inesperada originalidade. Em muitos dos seus gestos, está provando ser algo novo, sobretudo, muito informal e um estar sempre à vontade. Alguns lhe apontam um minimalismo cheio de profundidade. E quem o conhece diz que ele é mesmo assim. Já quando era o Cardeal Bergoglio, sentia-se mortificado com qualquer pompa e circunstância. Simples, humilde, descontraído, espontâneo. Assim é o Papa Francisco.

## 1. Não me venham ver a Roma. Usem com os pobres o dinheiro que gastariam

Na noite em que foi eleito, o novo Papa ligou ao Núncio Apostólico em Buenos Aires para lhe pedir que comunicasse aos Bispos, e estes depois aos fiéis argentinos, que não viajassem a Roma para a inauguração do Pontificado no dia 19. Sugeriu antes que o dinheiro das viagens fosse canalizado para os pobres, em gestos de solidariedade e caridade. Quem conhece o Papa diz que esta não é uma atitude extraordinária nele, é antes natural no seu comportamento, faz parte do seu estilo. O Papa obviamente não quer impedir os argentinos de vir a Roma, mas prefere aconselhá-los a mostrar o seu carinho de outra forma. Já em fevereiro de 2001, quando foi feito Cardeal por João Paulo II, Jorge Mario Bergoglio pe-

diu exatamente o mesmo aos católicos que gostariam de acompanhá-lo. Resultado: o então Cardeal argentino tinha uma das menores delegações presentes nesse consistório.

## 2. Posso sentar-me?

Ainda alojado na Casa de Santa Marta, enquanto o apartamento papal era preparado, tomava as refeições com os outros Cardeais. Quando chega mais tarde, simplesmente procura um lugar livre numa mesa para se sentar, tal como todos os outros.

## 3. Eu vou de ônibus

Depois de ter saudado o povo na varanda da Basílica de São Pedro, já como Papa Francisco, recusa o carro oficial. O Cardeal Timothy Dolan descreve assim esse momento à rede de televisão americana CBS: "Há cinco ou seis ônibus para levar os Cardeais de volta à Casa Santa Marta. Estava ali o carro do Santo Padre e a escolta, a segurança, as motos. Pensei que tudo tinha voltado à normalidade, que o carro do Papa teria voltado ao serviço. Nós fomos de ônibus. Outros Cardeais esperaram para saudar o Papa. E quando chega o último ônibus, adivinhem quem desce? O Papa Francisco. E imagino-o dizer ao motorista: 'Sem problemas, eu vou com os outros de ônibus'". Depois da audiência, voltou a seguir de ônibus, com todos os outros Cardeais, como provam as fotografias tiradas no interior do veí-

culo. Também quando saiu pela primeira vez do Vaticano para rezar na Basílica de Santa Maria Maior, dispensou a segurança ostensiva e o aparato de viaturas habitual. Não quis uma comitiva e seguiu num carro simples, deixando de lado o carro oficial do Vaticano, o famoso SCV 1.

## 4. Queria pagar a conta

De volta ao Vaticano depois da sua primeira iniciativa como Papa - rezar a Nossa Senhora - quis parar no trajeto. Foi à Casa do Clero, onde esteve hospedado, para ir buscar as suas malas e pagar a conta. Seguindo o porta-voz do Vaticano, queria dar o exemplo daquilo que todos os Padres e Cardeais devem fazer.

## 5. Como está a sua família?

Uma vez na Casa do Clero fez questão de cumprimentar todos os funcionários. Este é o lugar onde costuma estar hospedado sempre que vem a Roma, por isso ali conhece as pessoas há vários anos. Quem assistiu ao momento descreve-o como muito comovente. O Papa Francisco lembrava-se dos nomes de cada um e a todos foi perguntando pelas suas famílias e situações pessoais.

## 6. Um abraço e dois beijos

No encontro com todos os Cardeais, foi muito caloroso, afetuoso e, sobretudo, descontraído. A

certa altura tropeçou nos degraus da Sala Clementina, mas continuou tranquilamente a audiência, sem parecer incomodado com o percalço. Os Cardeais alinhavam-se em fila para cumprimentá-lo, mas, no caso dos Cardeais da China e do Vietnã, foi o Papa que lhes beijou os anéis, em sinal de respeito pelo sofrimento dos católicos naqueles países. Abraçou também alguns Cardeais e cumprimentou a maioria com dois beijos. Quando o Cardeal sul-africano Napier lhe ofereceu uma pulseira de borracha amarela e verde, de uma campanha da Igreja daquele país, colocou-a de imediato no pulso direito. Aceitou tirar uma fotografia com Dom José Policarpo, o Patriarca de Lisboa, e outros dois Cardeais.

## 7. Que Deus vos perdoe por me terem escolhido

Também junto dos Cardeais, a quem chama de "irmãos" e aos quais se refere como "uma comunidade baseada na amizade", brinda nestes termos depois da eleição, ao jantar: "Que Deus vos perdoe pelo que fizeram".

## 8. Dispensou o ouro e os sapatos vermelhos

Continua a usar os sapatos pretos que trouxe de casa, não adotou o calçado vermelho habitual e disponível no seu tamanho no momento em que se preparou para aparecer vestido de branco depois da eleição. Continua a usar a

cruz simples de metal que usava antes de ser Bispo de Roma, recusou a cruz de ouro e pedras preciosas.

## 9. Improvisou

Em todos os momentos públicos em que falou, improvisou sempre. Improvisou na primeira homilia, na Capela Sistina. Uma homilia muito simples, acessível e em italiano. E de pé, no ambão, não na cadeira papal. Voltou a improvisar na homilia da Missa da manhã, na Capela de Santa Marta, e no encontro com os Cardeais.

## 10. Curvo-me perante a vossa oração

Em seguida ao anúncio como Papa, quando aparece perante os fiéis na Praça São Pedro, começa por dar alguns sinais de que o seu comportamento terá algo novo. Não usou a capa vermelha dos pontífices e estava simplesmente de branco, tal como São Pio V, o Papa dominicano que não quis trocar o hábito branco da sua ordem e assim deu início à tradição das vestes brancas papais. Quis ter ao seu lado, na varanda, o Cardeal Vigário de Roma e seu amigo, o Cardeal Cláudio Hummes, algo inédito, não falou formalmente em latim. Também de forma original, pediu que rezassem por ele enquanto se inclinava perante a multidão. Pediu ao mais de 300 mil fiéis presentes na Praça que rezassem as orações mais simples da Igreja: um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Glória.

# Prédio da nova Cúria já está em funcionamento



Para alegria de toda a Arquidiocese, entre os dias 11 e 15 de março deu-se a transferência da Cúria Metropolitana, do Centro Pastoral e do Tribunal Eclesiástico para o novo e bonito **Edifício *Christus Lumen Gentium***, contruído em terreno pertencente à Arquidiocese, onde já se encontrava, ao lado, o prédio do Seminário Santo Antônio. Foi com alegria que os funcionários passaram a trabalhar onde, agora, funcionam todos os setores administrativo-pastorais de nossa Igreja Particular, em espaço muito mais amplo e agradável.

A construção foi realizada por iniciativa de Dom Gil Antônio, após as devidas aprovações dos Conselhos arquidiocesanos, e custeada generosamente por doadores anônimos, de uma família autenticamente católica, como forma de pagamento de seus dízimos. A Arquidiocese eleva a Deus ações de graças por estes irmãos e pelo incalculável benefício em favor da unidade diocesana, bem como da otimização no atendimento pastoral. Estão ainda em processo de mudança, o Arquivo Arquidiocesano e o Museu Sacro. Oportunamente, o Arcebispo publicará a data da inauguração.

**03 meses após o início da obra  
Setembro de 2011**



**Obra concluída  
Fevereiro de 2013**

## Homenagem Especial

# Papa Francisco

Colaboração: Robson Ribeiro de Oliveira

Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, nasceu em Buenos Aires, na Argentina, em 17 de dezembro de 1936. É filho do casal de imigrantes italianos Mario Bergoglio, trabalhador ferroviário e Regina Maria Sivori, dona de casa. Formou-se como técnico químico, mas depois escolheu o caminho do sacerdócio e entrou para o seminário de Villa Devoto.

Em 11 de março de 1958, passou para o noviciado da Companhia de Jesus. Completou os estudos humanistas no Chile e, em 1963, voltou para Buenos Aires e se formou em filosofia na Faculdade de Filosofia do Colégio máximo San José, de São Miguel.

De 1964 a 1965, ensinou literatura e psicologia no Colégio da Imaculada de Santa Fé e, em 1966, ensinou essas mesmas matérias no Colégio do Salvador, em Buenos Aires.

Estudou teologia na Faculdade de Teologia do Colégio máximo San José, de São Miguel, onde se formou, entre 1967 a 1970. Foi ordenado Sacerdote em 13 de dezembro de 1969.

Completou a terceira aprovação em Alcalá de Henares (Espanha, 1970-1971), e em 22 de abril de 1973 fez a profissão perpétua. Foi mestre de noviços em Villa Barilari, San Miguel (1972-1973), professor na Faculdade de Teologia, Consultor da Província e Reitor do Colégio máximo. Em 31 de julho de 1973, foi eleito provincial da Argentina, cargo que desempenhou por seis anos.

De 1980 a 1986, foi Reitor do Colégio máximo e das Faculdades de Filosofia e Teologia dessa mesma Casa e Pároco de São José, na Diocese de San Miguel.

Em março de 1986, viajou para a Alemanha para completar sua tese de doutorado. Foi enviado pelos seus superiores ao Colégio do Salvador e passou para a Igreja da Companhia na cidade de Córdoba, como Diretor Espiritual e Confessor.

Em 20 de maio de 1992, o então Papa João Paulo II o nomeou Bispo ti-

tular de Auca e Auxiliar de Buenos Aires. Em 27 de junho do mesmo ano, foi ordenado Bispo na Catedral de Buenos Aires, por imposição das mãos do Cardeal Antonio Quarracino, do Núncio Apostólico Dom Ubaldo Calabresi e do Bispo de Mercedes-Luján, Dom Emilio Ogñénovich.

Em 03 de junho de 1997, foi nomeado Arcebispo Coadjuutor de Buenos Aires e, em 28 de fevereiro de 1998, Arcebispo de Buenos Aires por sucessão à morte do Cardeal Quarracino.

É autor dos livros: “*Meditaciones para religiosos*” (1982), “*Reflexiones sobre la vida apostólica*” (1986) e “*Reflexiones de esperanza*” (1992).

De novembro de 2005 a novembro de 2011, ocupou o posto de Presidente da Conferência Episcopal Argentina. Foi nomeado Cardeal pelo Beato João Paulo II no Consistório de 21 de fevereiro de 2001, titular da Igreja de São Roberto Bellarmino.

Jorge Mario Bergoglio foi eleito Papa no último dia 13 de março, no Conclave que aconteceu após a renúncia de Bento XVI. Seu pontificado teve início oficialmente no dia 19, terça-feira, com a sua primeira Missa como Sucessor de Pedro.

Ao ser eleito, o novo Pontífice escolheu o nome de Francisco. Segundo o próprio, uma referência a São Francisco de Assis, fazendo referência à “sua simplicidade e dedicação aos pobres” e motivado pela frase dita por Dom Cláudio Hummes, Arcebispo Emérito de São Paulo, logo após sua eleição, ainda na Capela



Papa Francisco e seu brasão. Foto: Divulgação

Sistina: “*Não esqueça dos pobres*”. Francisco de Assis (1182 — 1226), Padroeiro da Itália, foi o fundador da família franciscana.

### Brasão e Lema

O escudo obedece às regras heráldicas para os eclesiásticos. Nele estão representadas armas da Companhia de Jesus, a qual pertence o pontífice, sendo que a cor azul simboliza o firmamento e o manto de Maria Santíssima e, heraldicamente, significa justiça, serenidade, fortaleza, boa fama e nobreza; o sol representa Nosso Senhor Jesus Cristo, o “Sol da Justiça”, reforçado pelo monograma de Cristo: IHS sobreposto pela cruz, que sendo de vermelho simboliza o fogo da caridade inflamada no coração do Soberano Pontífice pelo Divino Espírito Santo, que o inspira diretamente do governo supremo da Igreja, bem como valor e o socorro aos necessitados, que o *Vigário de Cristo* deve dispensar a todos os homens. Os cravos, enquanto instrumentos da paixão, lembram a nossa redenção pelo sangue de Cristo e sua cor, preto, representa sabedoria, ciência, honestidade e firmeza. A estrela, de acordo

com a antiga tradição heráldica, simboliza a Virgem Maria, mãe de Cristo e da Igreja; enquanto a flor de nardo simboliza São José, Patrono da Igreja Universal, que na tradição da iconografia hispânica, é representado com um ramo de nardo nas mãos. Colocando no seu escudo tais imagens, o Papa pretendeu exprimir a própria particular devoção a Nossa Senhora e ao seu castíssimo esposo. Somadas as três representações, têm-se a homenagem do pontífice à Sagrada Família: Jesus, Maria e José, modelo da família humana que devem ser defendidas pela Igreja. Os elementos externos do brasão expressam a jurisdição suprema do Papa. As duas chaves decussadas, uma de ouro e a outra de prata são símbolos do poder espiritual e do poder temporal. E são uma referência do poder máximo do Sucessor de Pedro, relatado no Evangelho de São Mateus, que narra que Nosso Senhor Jesus Cristo disse a Pedro: “*Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado no céu, e tudo o que desligares na terra, será desligado no céu*” (Mt 16, 19). Por conseguinte, as chaves são o símbolo típico

do poder dado por Cristo a São Pedro e aos seus sucessores. A mitra pontifícia usada como timbre, recorda em sua forma e esmalte, a simbologia da tiara, sendo que as três faixas de ouro significam os três poderes papais: Ordem, Jurisdição e Magistério, ligados verticalmente entre si no centro para indicar a sua unidade na mesma pessoa. O pálio papal (omofório), muito usado nas antigas representações papais, simboliza ser o Papa pastor universal do rebanho que lhe foi confiado por Cristo. No listel, o lema “**MISERANDO ATQUE ELIGENDO**” (Com misericórdia o elegeu), foi retirado de uma homilia de São Beda, o Venerável, que, comenta o evangelho de São Mateus (Mt 9,9), escrevendo “*Vidit ergo Iesus publicanum et quia miserando atque eligendo vidit, ait illi Sequere me*” (“Viu Jesus a um publicano e como o olhou com sentimentos de amor o elegeu e lhe disse: siga-me”). Este lema, presente na Liturgia das Horas da festa de São Mateus, é um tributo à misericórdia divina, tendo um significado especial e particular na vida e no itinerário espiritual do pontífice.